

# AQUICULTURA

Aqui estou de novo a chamar a atenção publica para o problema economico cujo estudo e ataque alguns homens não lograram ainda promover, nem da banda dos governos nem por parte dos interessados. Os appellos de origem erudita e reflectida, brados isolados dos que na piscicultura não procuram modo de vida, mas traduzem as consequencias de averiguação e labor n'este departamento da economia nacional, hão sido deploravelmente vãos, pois que um ou outro platonismo teorico em si resume os passos que temos andado para entrarmos definitivamente, eficazmente, na exploração da industria aquicola.

Entanto, o despovoamento progressivo das nossas aguas maritimas e interiores, a esterilidade alastrante de estancias piscosas, outr'ora fecundas, um *deficit* de alimentação, portanto, dia a dia mais avolumado e intenso, manifestam-se com maior amplitude, a despeito dos reparos dos que vêm, ha annos, advertindo: *olhem para isso!* Succede, pois, que o paiz, que possui oitocentos kilometros de costa recortada de bahias, estuarios e rias tão aproveitaveis para a realisação, em grande, da piscicultura maritima, não eotem peixe que satisfaça um terço das necessidades do consumo, precisando buscar de bacalhau, lá fóra, sabem quanto? Dois mil contos, annualmente!

Em dois folhetins já aqui historiei, de leve, a campanha em favor da cultura das aguas, desde Moraes Soares, em 1858, até aos solidos e notaveis trabalhos do engenheiro Mello de Mattos, cujos resultados finais acabam de ser reunidos em livro. A questão resume-se em pouco. Denunciada, averiguada a desp. população crescente da fauna ictiologica das nossas aguas maritimas, fluvias e lacustres e verificado que, mesmo em circumstancias mais favoraveis, a

piscicultura não satisfaria as necessidades do consumo, indispensavel se torna crescer a produçãõ pelos metodos estabelecidos lá fó'a com o maior exito. Como acontece para a terra, é preciso semear na agua. Repovoar os rios quasi exhaustos e as estancias maritimas adequaveis, eis tudo. Ora, os rios pouco mais nos darão do que salmões e trutas; nas aguas salgadas podemos obter a solha, o linguado, a tainha, o robalo, a doirada, a enguia, crustaceos e molluscos de geral accesso e baixo preço. Se não é possível encetar trabalhos nos dois meios, comecemos então pelas especies marinhas, que, pelo seu custo, utilizarão a todos, e esperem os ricos pelo salmão e truta. Eis aqui.

Mas—logar commum!—não é este povo dado a iniciativas. Carece-se d'uma estação-modelo onde se pratique a estabulação, a engorda e a reproducção das especies, para ensinamento, propaganda e fornecimento das sementes, de instrucções e de conselhos. Como escolher o local? Procurando aquelle que reuna tecnicamente maior somma de circumstancias favoraveis e, do mesmo passo, que mais rapido contribua para a generalisação da sua acção pratica e efficaz.

Para muitos que, sem pessoas interesses, têm estudado detida e alevantadamente a questão, Aveiro é a localidade escolhida. E por isto: «A ria de Aveiro occupa uma área de 49:000 hectares, dos quaes 6:270 são permanentemente cobertos de agua e 3:000 alternativamente inundados e enxutos; os seus dois maiores braços medem 47 kilometros; a sua servidão utilisa a 25 freguezias marginaes. Esse formidavel delta do Vouga não só occupa uma superficie contida em 6 concelhos dependentes de 2 districtos, mas n'elle se encontra, como em nenhuma outra região aquatica do paiz, a maior variabilidade de exposiçãõ, de profundidade, de salugem, de temperatura, de vegetação e de solo... Apesar da insensatez das populações ribeirinhas e do desleixo do Estado, o valor annual do seu pescade computa-se em 47 contos, o das marinhas em 50, o da junça e caniço em 60 e o do molico em 158, ou sejam reis 315:000\$000, annualmente.» Estas são palavras minhas de ha poucos mezes.

Mas já muito antes as qualidades da ria tinham sido postas em destaque, mesmo nos dominios officiaes. Recordemos. Em 1868 occupou-se o governo civil, da questão; dez annos depois, o deputado Pires de Lima submetteu á camara um projecto de lei a tal respeito; a junta geral, passados dois annos, tratou de estudar a reproducção artificial do peixe; nove annos volvidos, o sr. Fonseca Regalla, commissionado pelo ministerio da marinha para estudar as industrias da ria, antevia a sua prosperidade, uma vez praticada a piscicultura; o sr. Baldaque da Silva, por fim, no seu livro sobre pescas, tece-lhe o maior dos elogios, faz-lhe, em dez linhas, uma verdadeira apoteose. Fóra do mundo official, ha a contar os estudos de Fernando de Vilhena, a intelligente e sollicita iniciativa de Edmundo Machado, uma singela memoria de quem isto escreve, exhibida no Congresso

de Madrid, em 1892, a alta e sabis memoria de Mallo de Mallo e a insubstituivel tentativa do medico sr. Abel da Silva Ribeiro, cujos superiores esforços ácerca



Ribeiro, cujos superiores esforços acerca da piscicultura em Portugal elle conta ao autor do «Portugal antigo e moderno» e que eu para aqui transcrevo afim de que se propague quanto possa a historia d'esta vergonhosa miseria nacional:

«Foram os primeiros ensaios em Portugal (reprodução artificial do robalo, do linguado, da doirada e da tainha, em Villa Nova de Milfontes, ha cerca de 30 annos) e talvez na Europa, em especies de *agua salgada*, muito imperfeitos e sem luz alguma que me guiasse, porque os trabalhos especies apenas tratam da piscicultura de *agua doce*; mas, apesar de ser uma coisa nova para mim e de adoptar um metodo muito imperfeito, o resultado excedeu a minha expectativa. Foi grandioso e magnifico... Apenas houve uma perda de ovos de 4 a 5 p. e., que não fecundaram. Decorridas algumas semanas, estiveram dois homens deitando ao mar baldes e baldes—não de *agua*, mas litteralmente de *peixes*, durante dois dias! Já a esse tempo os pequeninos peixes podiam fugir á voracidade dos maiores; e tanta foi a abundancia d'elles que, passados mais de oito annos, ainda hoje n'aquelle sitio se encontra prodigiosa quantidade de peixe, pois, sendo de especies estacionarias, se tem conservado por ali.

«Ha dois annos mandei eu fazer uma pescaria, cercando uma pequena bahia ao recanto do rio, junto ao mar; isto na esiação de maré cheia; e, na vassante, colhemos mais de quarenta arrobas de peixe!... Fiz mais dois ensaios com a mesma felicidade, pelo que fiquei verdadeiramente fanatico pela piscicultura. Empeguei altas diligencias para que fosse convertido em lei o projecto que o meu mallogrado amigo Pires de Lima apresentou sobre o assunto na camara dos deputados. Desejava eu ir para Aveiro ensaiar em grande o meu metodo e, como me alimentava o fogo sagrado da experiencia e do entusiasmo, creio que alguma coisa faria.

«Era uma industria nova, no aperfeiçoamento da qual eu empenharia o meu pouco saber, mas toda a actividade e a exuberancia de vida com que a natureza me dotou. Nada, porém, conseguí—e n'um excesso de indignação lancei ao fogo todos os manuscritos que já tinha organizado sobre piscicultura e que me custaram dias e dias de grande trabalho—fugas do corpo, zangas, motejos da multidão ignara—e por fim o desprezo de quem tinha obrigação de olhar mais seriamente pelo futuro de Portugal.»

N'esta transcrição, que ahi deixo exarada com dolorida tristeza, uma das mais assigualadas competencias sobre o assunto exprime, na sua esperanza e desejo, a subida importancia da ria de Aveiro como estancia aquicola. E é no seu livro recente, que Mello de Mattos collige toda a vasta documentação posta a favor do

estabelecimento d'um laboratorio marítimo no Forte da Barra de Aveiro. Este trabalho—oportuno pelos motivos conhecidos e necessario para a critica dos vindouros—abre por uma larga exposição dos propositos piscicolas e dos seus resultados. Na ordem de ideias expostas acima, isto é, não crendo nos empreendimentos pessoases, accusa a necessidade urgente de se installar uma estação, a qual, se por um lado tem como objectivo a pratica da aquicultura em toda a latitude, por outro será um centro de estudos relativos a assuntos proximos, como as investigações meteorologicas e oceanograficas e a reunião de elementos para o seguro conhecimento das nossas pescarias. A descripção do instituto, a sua organização, o material, o funcionamento, todos os elementos, emfim, indispensaveis para o conhecimento detalhado do seu projecto são tratados minuciosamente em dezenas e dezenas de paginas, com uma erudição tão copiosa, e uma reflexão tão amadurecida pela observação e experiencia de annos, que a gente sorri em face da leviandade com que se confeccionam, d'ordinario, trabalhos similares.

Simplesmente, entre outras difficuldades, uma poderia surgir, decisiva: era o dinheiro. Ora, Mello de Mattos, como a lei estabeleça que o producto da venda de arezas, manchões e camalhões seja receita das circunscripções hydraulicas a que pertencem, propõe a venda, em lotes, d'uns 588:000 metros quadrados de terrenos do Estado, na região, applicando-se o producto na edificação do estabelecimento. Tudo isto é largamente discutido e apreciado, com a previa disposição de encontrar o meio pratico e legal da realisação do projecto. Por ultimo, 20 e tantas paginas encerram a parte referente á construcção.

Não se poderá, pois, dizer, á hora em que estamos, que em Portugal ainda nada se escreveu de util e pratico sobre um ramo de economia nacional inexplorado. Essa larga memoria ahi fica a accusar, para os de hoje e para os do futuro, que heuve quem pensasse, com saber e com justeza, n'esta fonte de prosperidade, ignorada ou esquecida. Seria para desejar que o Estado tornasse viavel o projecto; mas muito melhor é ainda que o publico se interesse pelo assunto até chegar a saber e comprehender que a piscicultura, n'um paiz como este, será uma segunda agricultura.

Que não interessa! Ora é boa esta ingenuidade que me caiu agora no papel!

Porto.

ROCHA PEIXOTO.